

Mídia e Gênero: um estudo de caso do relato de Klara Castanho no Altas Horas¹

Lívia Andrade SENA²
Roberto VILLELA FILHO³
Deborah Luísa Vieira dos SANTOS⁴
Franco Dani Araújo e PINTO⁵

Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, MG

RESUMO

A pesquisa, por meio da análise da materialidade audiovisual, investigar a participação da atriz Klara Castanho no programa Altas Horas, apresentado por Serginho Groisman e transmitido pela TV Globo, no dia 4 de março de 2023. Na ocasião, ela falou sobre a divulgação indevida, nas redes sociais, de um drama que vivera em sua vida privada. No decorrer desta pesquisa, verificou-se de que forma o programa e a emissora estiveram a par do que categorias extraídas do ODS 5 - Igualdade de Gênero da ONU preconizam e refletiu-se sobre como o debate acerca da violência sofrida pela atriz serviu para que ambos reafirmassem seus posicionamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Klara Castanho; Altas Horas; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável; Análise da Materialidade Audiovisual.

INTRODUÇÃO

Em 4 de março de 2023, a atriz Klara Castanho participou do programa Altas Horas, da TV Globo, apresentado por Serginho Groisman. No programa, Klara falou, pela primeira vez, na televisão sobre o abuso que sofreu em 2022. Não por acaso, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem, entre os seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), um que trata especificamente da igualdade de

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

2 Graduada em Jornalismo pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). E-mail: livia.sena@univale.br.

3 Professor do Núcleo de Humanidades da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), coordenador dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda (UNIVALE). Mestre em Administração pela universidade Fumec. E-mail: roberto.filho@univale.br.

4 Doutora em Comunicação (PPGCOM/UFJF), Professora do Núcleo de Humanidades da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) e Diretora da UNIVALE Editora. E-mail: deborah.santos@univale.br.

5 Doutor em Ciências Humanas (UFSC), Professor do Núcleo de Humanidades e do Mestrado de Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce. E-mail: franco.araujo@univale.br.

gênero. O ODS 5 - Igualdade de Gênero apresenta um conjunto de metas a fim de se promover a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas.

Esta pesquisa, portanto, buscou analisar a participação da atriz Klara Castanho no *Altas Horas* sob a luz de categorias extraídas do ODS 5 da ONU. A metodologia utilizada é a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho; Mata, 2018), e o intuito é verificar de que forma aquele momento esteve a par do que a ONU preconiza e como o debate acerca da violência sofrida pela atriz a seria um propósito para o programa e a TV Globo reafirmarem seus posicionamentos.

ENTRETENIMENTO E INFORMAÇÃO

O *Altas Horas*, da TV Globo, é apresentado pelo jornalista Serginho Groisman, e tem a característica de promover a participação dos jovens e a interação entre eles e as chamadas celebridades. Muito desse ideal pode remeter à grande espetacularização da sociedade (Debord, 1997).

No *Altas Horas*, os olímpianos de Morin (2002) seguem sendo os protagonistas. Todavia, parecem fazer parte de um espetáculo no qual o culto a personalidades, citado por Dourado (2009), aproxima-os das pessoas comuns. “Programas de TV, arquitetura museal, spots publicitários, moda, esporte, parques de lazer: não há mais domínio que escape das lógicas, levadas ao extremo, do espetáculo e do divertimento, da teatralização e do show business” (Lipovetsky; Serroy, 2015, p. 263). Porém, desde suas origens, o *Altas Horas* adota uma postura em que o intento é destacar-se na programação da TV aberta e da própria Globo. Até hoje, Serginho, que também é diretor-geral da atração e acompanha cada etapa da produção, defende que um bom apresentador precisa ter visão jornalística, ler e se interessar pelos acontecimentos do mundo (Globo.com, 2021). Afinal, seu foco é abordar assuntos variados com os diversos públicos, dando espaço e liberdade ao entrevistado.

Arte, animação, lazer, ambiência, marketing, tudo se mistura e se interpenetra permanentemente, dando à própria noção de cultura e de arte uma extensão e uma definição novas: não mais o território patrimonial da alta cultura clássica, mas uma hipercultura de objetivo mercantil baseada nos recursos do espetáculo e do divertimento generalizados. (Lipovetsky; Serroy, 2015, p. 263)

Entende-se, portanto, que a cultura midiático-mercantil da espetacularização, de

imagens e de comunicação é destinada à distração das grandes massas. Adiante, observa-se que a TV Globo — e, conseqüentemente, o Altas Horas — trabalham com “processos estratégicos desenvolvidos pelos meios de comunicação social de massa, relacionados a temas ou questões que se reportam a situações enfrentadas por uma sociedade em diferentes domínios” (Dourado, 2009, p. 51).

IGUALDADE DE GÊNERO

Falar sobre igualdade de gênero é refletir acerca de um tema que raramente se vê materializado na sociedade. “Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*” (Beauvoir, 1970, p. 14). A dificuldade de se tornar tangíveis os preceitos que apregoam a equidade parece remeter às bases de uma tradição essencialmente patriarcal. “A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses” (Beauvoir, 1970, p. 18).

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)⁶ que representam “um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade” (ONU Brasil, 2015). Entre eles, interessa a este estudo o ODS 5, que trata da igualdade de gênero.

O ODS 5 soa pertinente e necessário em um mundo no qual as mulheres jamais conseguiram estabelecer relações de autonomia e igualdade frente aos homens. Ainda, por exemplo, que haja sociedades onde prevalece proeminente liberdade sexual, tacitamente compreende-se que as mulheres que se tornam mães devem ser casadas, não representando uma coletividade autônoma quando sozinhas (Beauvoir, 1970). Neste cenário de reforço de estereótipos ecoam vozes de grupos que permanecem no poder e, uma vez donos de coisas, donos são também de histórias (Adichie, 2009).

De qualquer forma, os ecos do ODS 5 na participação da atriz no programa Altas Horas podem ser constatações de um alinhamento da maior rede de TV do país com a agenda das Nações Unidas. A ser confirmada esta hipótese, não se pode perder de vista que:

6 Confira os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela ONU: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>.

[...] a luta pelos direitos das mulheres foi ideologicamente definida como uma luta pelos direitos das mulheres brancas de classe média, expulsando mulheres pobres e da classe trabalhadora, expulsando mulheres negras, latinas e de outras minorias étnicas do campo do discurso coberto pela categoria “mulher”. (Davis, 2018, p. 92)

Portanto, Klara Castanho pode estar próxima de ser contemplada pelo ODS 5 por ter acesso a espaços e lugares de fala que a maioria das mulheres — tão vítimas quanto ela — estariam longe de ter.

METODOLOGIA E ANÁLISE

Para a aplicação da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho; Mata, 2018) acerca do depoimento da atriz Klara Castanho no programa *Altas Horas* exibido em 4 de março de 2023, foi realizado um recorte de início 0' 44" e término em 6' 02". A proposta passa por localizar no depoimento da atriz ocorrências representativas de metas pertencentes ao ODS 5.

Klara Castanho inicia a fala ao afirmar que sentiu-se confortável ali, ressaltando que o apresentador é muito cuidadoso e a plateia é bastante amistosa e cuidadosa — isso reforça o “padrão Globo de qualidade” que habita o imaginário social. Em seguida, relatou que fora forçada a trazer a público o episódio mais difícil da sua vida. Quando se afirma que astros e estrelas são a essência do bloco dos olímpianos, energizando a “verdadeira vida” (Morin, 2002), temos nos primeiros instantes do depoimento uma situação em que a atriz, jovem e consagrada, foi exposta e precisou se expor além do que seria razoável.

O item 5.c do ODS 5 é descrito da seguinte forma: “Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis” (ONU BRASIL, 2015). É razoável depreender que o fato de Klara Castanho ter afirmado, em rede nacional, em um programa de credibilidade na grade da maior TV do país, em um sábado à noite, que buscou a justiça e confia em um desfecho exemplar, pode encorajar outras mulheres brasileiras vítimas de crimes de natureza semelhante a fazer o mesmo.

Durante a explanação da atriz, a plateia e as convidadas eram exibidas com expressões muito sérias, não raro cabisbaixas, em um misto de empatia e perplexidade.

Ao final do seu relato, Klara estava visivelmente emocionada e nervosa. O clima era de comoção e indignação em um programa de entretenimento.

Klara reiterou, em muitos momentos, que estava segura e satisfeita por estar no Altas Horas ao lado de mulheres fortes e potentes. Aliviada, disse que finalmente pôde chorar e falar sobre o assunto. Nesse caso, a segurança e o alívio demonstrados por Klara reforçaram o caráter do programa, que esteve em consonância com ODS 5, uma vez que o Altas Horas deu espaço e liberdade à atriz, sem interrompê-la ou refutá-la. Não se trata de afirmar que o Altas Horas esteja a serviço da ONU, mas pode-se inferir que esse instante do depoimento apresentou uma correlação.

Logo que uma salva de palmas se seguiu ao discurso de Klara, a jornalista Sandra Annenberg se levantou e deu um abraço apertado na atriz. Ambas choraram e pareciam se consolar. Em seguida, a tela exibiu Roberta Miranda abraçando e dando um beijo na testa da moça, em uma cena que pode se assemelhar à de uma figura materna — uma mãe ou uma avó — mostrando seu amor por uma filha ou neta ainda menina. O abraço entre mulheres consagradas representa a sororidade, a solidariedade àquela que sofreu distintas formas de violência nos âmbitos público e privado.

Nota-se que atrás da atriz havia apenas mulheres. Entretanto, todas brancas, o que não contempla a perspectiva interseccional (Davis, 2018). É patente que, por ter acesso a espaços e lugares de fala que a maioria das mulheres não tem, Klara parece reconhecer que encontra-se em uma posição privilegiada. Observe-se que apesar dos abusos e de todo o julgamento que sofreu, Klara Castanho afirmou que teve sorte de ter recebido muito acolhimento, que as pessoas foram gentis com ela e que tem uma rede de apoio maravilhosa, além de uma equipe que a acolheu e defendeu. Este também é um privilégio vedado a muitas mulheres que não desfrutam do status de celebridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O episódio vivido pela atriz Klara Castanho não é exatamente uma novidade no Brasil. No caso da atriz, porém, a enorme repercussão foi o fator que tornou o caso muito mais relevante. Algo que, ao mesmo tempo que o tornou um exemplo para muitas mulheres, também reafirmou que os acessos ao palco ainda são limitados, já que Klara é atriz, branca, rica e famosa. Logo, pode-se refletir a respeito de que mulher a sociedade enxerga quando lê o conteúdo do ODS 5. Quem, afinal, é a mulher que os *media* estão

pintando? Isso, certamente, pode ser elemento motivador de novos estudos que tenham como ponto de partida o mesmo objeto.

O estudo constatou que, pelo menos naquele recorte em que Klara Castanho faz o seu depoimento, o Altas Horas e a TV Globo estiveram em consonância com as metas do ODS 5 que o artigo enumerou. Além disso, cabe destacar que ao longo do depoimento não houve qualquer tentativa de elevar a carga dramática do discurso, algo comum na TV brasileira.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. TEDGlobal, 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>. Acesso em: 09 de jun. de 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. Um telejornal e um método para chamar de nossos: uma reflexão sobre telas, fronteiras e modos de olhar. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16, 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJor, 2018.
- DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- DOURADO, Jacqueline Lima. **Estudo das estratégias da Rede Globo de Televisão na esfera da cidadania**. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo - RS, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL. **Nações Unidas Brasil (ONU Brasil)**, 2015. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 09 de mai. de 2023.
- SERGINHO Groisman. **Globo.com**, 28 de out. de 2021. Memória Globo. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/serginho-groisman/noticia/serginho-groisman.ghtml>>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1995.